

Educação profissional contra a exclusão

Jovens que deixaram a escola querem retornar, mas dizem que precisam estudar e trabalhar sem que uma atividade exclua a outra

Por Ana Inoue

É superintendente do Itaú Educação e Trabalho (Este é um espaço de opinião. As visões do autor não refletem necessariamente as do Valor Econômico)

Não é um único fator, individual, que faz o jovem interromper os estudos, nem há uma única motivação que o faria voltar a estudar. São questões multifatoriais que pesam nessas decisões. No entanto, o trabalho se apresenta no topo das principais razões para os jovens interromperem o ensino básico e, também, um dos principais aspectos para retornarem à sala de aula.

Parece contraditório, mas não é. A necessidade e urgência de ter renda e de apoiar a família no sustento para sobreviver faz com que muitos estudantes abram mão dos estudos em determinado momento de suas vidas e se lancem no mundo do trabalho, sem nenhum preparo, e muitas vezes expostos a trabalhos precários. Ao mesmo tempo, a falta da conclusão dos estudos é vista por eles mesmos como barreira para conseguirem condições mais dignas de trabalho, desenvolvimento profissional e mais oportunidades futuras. E, por isso, grande parte dos que evadiram da escola desejam voltar à sala de aula, na intenção de melhorar a qualidade de suas vidas e de suas perspectivas profissionais. Estes são pontos destacados pela pesquisa “Juventudes fora da escola”, realizada pela Fundação Roberto Marinho e pelo Itaú Educação e Trabalho. São quase 10 milhões de jovens fora da escola! (equivale a quase toda a população de Portugal).

O trabalho aparece como um orientador da vida para as juventudes que estão fora da escola - além de ter sido o principal fator para a decisão de abandonar os estudos, 73% pretendem voltar à escola para concluir o ensino médio, tendo como principais motivações para isso trabalhar e obter um bom emprego. Entre estes jovens que pretendem concluir o ensino médio, 77% têm intenção de cursar o ensino técnico.

A busca por um caminho profissional faz sentido quando compreendemos que o trabalho confere um lugar social, é um caminho para melhorar de vida e representa sentido e satisfação pessoal.

Além disso, vale lembrar que trabalho e cidadania caminham juntos, conforme o artigo 205 da Constituição, que trata da educação. A questão é como reverter esse ciclo nada virtuoso, que envolve abandono da escola, trabalho, desejo de retomada dos estudos e falta de perspectiva.

Dos 1,6 mil jovens escutados na pesquisa, a maioria é composta por homens negros com renda familiar per capita de até 1 salário mínimo - 60% dos homens e 80% das mulheres já têm filhos. A maioria já foi reprovada em algum momento da vida escolar, quer voltar a estudar porque vislumbra ser este o caminho para melhorar de vida e ter mais renda, e parou de estudar porque teve que trabalhar para sobreviver e ajudar a família.

Esta realidade das juventudes fora da escola é resultado de ciclos de pobreza e exclusão que foram negligenciados e tratados como efeitos marginais. Um erro que precisa ser corrigido rapidamente. A exclusão de parte da população, tal qual uma doença não tratada, exige soluções mais trabalhosas e custosas a cada dia que deixamos passar. Esta pesquisa ajuda no diagnóstico.

O que eles dizem? Que precisam estudar e trabalhar sem que uma atividade exclua a outra. Este desejo das juventudes vale ouro, porque é a condição primeira para que os jovens consigam restabelecer um ciclo de aprendizagem, de desenvolvimento profissional e de continuidade dos estudos. Tudo isso depende das juventudes quererem. E elas querem! Isso as beneficia porque as coloca em um caminho profissional digno, beneficia também o setor produtivo que terá profissionais cada vez mais qualificados e em maior quantidade e, da mesma forma, o país se beneficia porque quebra um ciclo nefasto de manutenção da pobreza e amplia o ciclo de prosperidade.

Sabendo que o mundo do trabalho será cada vez mais exigente e as mudanças cada vez mais rápidas, afastar quase 10 milhões de jovens das oportunidades de trabalho é um equívoco sob todas as óticas do desenvolvimento econômico e social de um país.

Afastar quase 10 milhões de jovens das oportunidades de trabalho é um equívoco sob todas as óticas

Além disso, o impacto da tecnologia e da necessidade de buscar soluções aos grandes problemas sociais como, por exemplo, a questão climática, pobreza e desigualdades implica conhecimento e competências sempre atualizadas. A formação contínua, ao longo da vida, e o “estar em dia” com os avanços dos setores e áreas de atuação serão cada vez mais uma condição do mundo do trabalho.

Trazer estes jovens que estão fora da escola, de volta à rota dos estudos e da formação profissional significa reverter um fator de exclusão e prepará-los para que possam crescer e ascender profissionalmente.

A solução passa por ter equipamentos sociais adequados às necessidades de desenvolvimento destas juventudes - sejam escolas, centros comunitários ou instituições de formação -, que sejam capazes de acolher e dialogar com elas, que tenham o antirracismo como eixo central de sua atuação, que saibam proteger as juventudes negras de todo tipo de discriminação, que ofereçam a possibilidade dos jovens trabalharem e estudarem, que atendam a necessidade deles de terem com quem deixar os filhos, que consigam ressignificar as experiências de fracasso escolar e, por fim, que ofereçam uma formação técnica e profissionalizante moderna e de qualidade, articulada com uma formação geral robusta e sintonizada com perspectivas reais de desenvolvimento profissional e as demandas do século XXI.

A solução passa também por ter empregadores e um mundo do trabalho que se importem com estes jovens e possam se organizar para recebê-los - o que significa, por exemplo, propor

empregos e trabalhos dignos que contemplem o estudo e a formação profissional continuada como parte das atividades deles.

Uma outra parte central da solução é a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) moderna e atualizada, articulada ao Ensino Médio regular e à Educação de Jovens e Adultos (Ejatec). Isso ganha relevância por atender ao principal ponto destacado pelos jovens.

Todas as soluções precisarão ser ajustadas às especificidades dos territórios - os Estados possuem condições e possibilidades distintas - e exigirão a construção de políticas intersetoriais específicas. No entanto, há uma parte comum a todos: a democratização da formação profissional para as juventudes e a inclusão produtiva digna. Nesta semana, tivemos um importante avanço nesta direção: o Ministério da Educação anunciou a criação de 100 novos Institutos Federais, centros que oferecerão formação profissional de qualidade, impulsionando a inclusão produtiva de milhares de jovens!

Para concluir, precisamos desenvolver a consciência da urgência para que possamos imprimir a agilidade e velocidade necessárias na construção de caminhos. Temos o mais valioso de tudo que é o “querer” dos jovens. Nossa parte é criar oportunidades de educação e trabalho para estes mais de 9 milhões de 15 a 29 anos excluídos das escolas e, com isso, direcionar o país para o crescimento, prosperidade e redução da pobreza e das desigualdades.

Ana Inoue é superintendente do Itaú Educação e Trabalho, frente da Fundação Itaú com foco em educação profissional, juventudes e sua inclusão no mundo do trabalho